

Juventudes contemporâneas

ALINE ANDRADE
MÔNICA MUSSI *

E

ste texto expõe recortes analíticos de formas de vida contemporânea e destaca, em especial, forças sociais que atuam nos modos de vida de juventudes urbanas.

Apontamos dois processos que marcam, em grau dominante, a constituição das subjetividades juvenis: a *biossociabilidade* e a intensificação da circulação de informação e bens tecnológicos nas cidades.

As questões e problematizações apresentadas no texto resultam de fundamental importância para proposição de políticas de formação juvenis que se pretendem afinadas e comprometidas com as juventudes deste tempo.

* ALINE ANDRADE é pedagoga (PUC-SP) e integrante do Núcleo de Pesquisa do Programa Jovens Urbanos – CENPEC.

* MÔNICA MUSSI é pedagoga (PUC-SP), mestre em Filosofia da Educação (USP) e doutora em Psicologia da Educação (USP). Atuou como professora universitária. É supervisora escolar da rede municipal de ensino de São Paulo e assessora do Programa Jovens Urbanos – CENPEC.

ARTIGO

Juventudes Contemporâneas

I

Vida contemporânea: alguns pontos de partida para pensar as juventudes.

Se tomarmos como referência modos de funcionamen-

to das sociedades do século 19 e de pelo menos da primeira metade do século 20, verificaremos que novas configurações de vida estão em ação nas sociedades contemporâneas, algumas delas bem distintas das que vigoravam anteriormente:

- abandono de explicações universais;
- novas práticas de trabalho;
- adoção de estratégias pluralistas para a abordagem do desenvolvimento urbano;
- velocidade e efemeridade intensas nas novas formas de experiências sociais e afetivas;
- parafernália de ícones, informações, códigos e sentidos;
- valorização do localismo;
- capitalismo pós-industrial;
- avanços tecnológicos nas áreas de informações e comunicações;
- partidos políticos de massas substituídos por movimentos sociais baseados em raça, localização, sexualidade, questões ecológicas, idade...

As configurações mencionadas anteriormente são apenas algumas das características que persistem nas vidas atuais. Aproximar-se de algumas dessas configurações é uma das portas de entrada para acessar os contextos em que as juventudes movimentam seus cotidianos. Habitantes do presente, as juventudes não escapam de testemunhar e experimentar os efeitos das mudanças atuais.

Os autores¹ que se dedicam a analisar as práticas humanas contemporâneas compartilham que há em curso na vida atual uma notável e rápida mutação dos valores,



crenças, idéias, hábitos, formas de poder, enfim, modos de organização da vida que orientavam o período precedente, ou seja, o período *moderno*.

Complexidade e velocidade: a vida em mutação

Interessa destacar para os contornos iniciais do presente documento três importantes idéias que acompanham as análises das transformações vividas na contemporaneidade:

- defesa do pluralismo analítico;
- descontinuidade das tradições;
- rejeição das grandes narrativas.

A **defesa do pluralismo analítico** é uma idéia que apaga qualquer linha divisória entre os diferentes âmbitos da sociedade – político, econômico, social e cultural. De acordo com ela, não seria mais possível analisar, ou buscar compreender, as sociedades contemporâneas – suas novas configurações – pela via de alguma força controladora isolada ou totalizante.

Na atualidade, a composição da vida tornou-se extremamente complexa. Nesse sentido, qualquer esforço de aprisionar a vida concreta numa explicativa única e coerente será considerado reducionista e simplificador.

Devido ao pluralismo imanente na formação dos modos de vida, a vida concreta só poderia ser acessada por fragmentos, visto que processos múltiplos podem atuar na constituição de determinado fenômeno ou situação.

Essa idéia sem dúvida ganha relevância em estudos que se dedicam a configurar os movimentos e vidas das juventudes atuais. Diagnósticos e análises da vida juvenil exigem o abandono de explicativas sustentadas em forças sociais unilaterais.

Nessa perspectiva, não seria mais tão tranquilo explicar a violência que atinge juventudes na atualidade unicamente pela via cultural – por exemplo, ausência de escolarização – ou pela via econômica – por exemplo, condição da pobreza.

Com certeza a condição de pobreza e a ausência de escolarização combinadas são forças vitais para compreender formas de violência que atingem jovens ou as violências entre jovens, porém não são suficientes para expressar a problemática juvenil nas suas tão diversas dimensões.

Assim, considerar outras linhas de forças atuantes em situações de violência juvenis pode dar visibilidade

*Na atualidade,
a composição da vida
tornou-se extremamente
complexa. Nesse sentido,
qualquer esforço de
aprisionar a vida concreta
numa explicativa única
e coerente será considerado
reducionista
e simplificador.*

a campos de forças plurais e por vezes insuspeitos que redesenham as violências a cada dia.

Outra idéia em destaque é a **descontinuidade das tradições**. A explosão de informações e das comunicações mundiais dispara processos de misturas e combinações entre modos de vida, com base no alto e rápido fluxo de bens simbólicos e produtos por todos os lugares-relações do planeta.

O fluxo de informações, de bens culturais e de significados nas sociedades atuais debilita o anseio por identidades nacionais e a própria noção de identidade individual. Alimentados por fontes múltiplas, os indivíduos tornam-se tão fluidos e mutáveis quanto os produtos simbólicos e materiais que atravessam suas vidas.

Olhando por essa perspectiva, o mundo no qual as juventudes tentam inscrever-se e pelo qual procuram se orientar é vivido como em constante movimento. Um mundo onde não estão mais disponíveis valores fixos, ritos de passagem predeterminados, futuros previsíveis, ao menos como idéias que antes eram confiadas como verdades a toda uma geração.

Na atualidade, múltiplas referências podem coabitar uma única vida, exigindo uma determinação colossal dos indivíduos para o empenho em idéias-projetos no decorrer da vida.

Nesse contexto de descentramento dos sujeitos, cabe a pergunta:

- Como as juventudes podem vincular-se aos acontecimentos ordinários da vida e neles investir sem ter de recorrer a identidades que durem para sempre?

Uma terceira idéia em ação na atualidade é a **rejeição das grandes narrativas** que até há poucas décadas informavam as políticas do mundo ocidental. De acordo com Kumar (1997), as grandes narrativas deram

(...) aos modernos a confiança de que poderiam igualar e mesmo ultrapassar as realizações dos antigos. Dessa confiança nasceram os grandes temas e teorias de progresso, razão, revolução e emancipação. Em uma forma ou outra, disfarçada ou explicitamente, elas lastrearam a maioria das políticas do mundo ocidental desde fins do século XVIII até meados do século XX. (p. 145).

Efeitos

A recente perda de credibilidade nas grandes narrativas não apenas desmobiliza a confiança nas políticas públicas desenvolvidas nos sistemas democráticos como também parece deixar as juventudes atuais desprovidas de utopias e ideologias às quais queiram aderir.

Por outra perspectiva, a ausência de grandes narrativas faz proliferar na atualidade narrativas de grupos minoritários, como de mulheres, de homossexuais, de ecologistas, de moradores de bairro... de grupos musicais etc., abrindo a vida social, como antes nunca visto, a um caleidoscópio de vozes.

O esmorecimento das grandes narrativas, segundo alguns analistas sociais, também modifica o papel dos intelectuais na vida social. Citando Kumar (1997) os intelectuais devem utilizar “[...] suas habilidades para ajudar comunicidade a se entenderem reciprocamente. (p. 151)”.

Percorrer as transformações que atravessam a vida contemporânea parece ser fundamental para reconhecer em quais contextos culturais, sociais e econômicos as juventudes do presente se movimentam, constituem-se subjetivamente e organizam suas vidas e desempenham expressividades.

De acordo com Bauman (2004) as gerações atuais, rapazes e moças nascidos a partir da década de 70, experimentam situações e recebem orientações desconhecidas das gerações anteriores.

A baixa expectativa de trabalho entre os jovens é uma dessas situações, acompanhada pela idéia-pacote de desemprego. Nesse universo, diz o autor,



(...) uma das recomendações oferecidas com mais freqüência aos jovens é serem flexíveis e não muito seletivos, não esperarem demais de seus empregos, aceitá-los como são, sem fazer muitas perguntas, e tratá-los como uma oportunidade a ser usufruída de imediato, enquanto dure (...)

Jurandir Freire Costa, médico psiquiatra e psicanalista brasileiro, num texto intitulado *Perspectivas da juventude na sociedade de mercado*, publicado em 2004, referenda as análises de Bauman ao marcar as atitudes e disposições psicológicas requeridas dos indivíduos na atualidade. Diz o autor:

As disposições e atitudes que contribuem para a reprodução da sociedade de mercado atual são, em linhas gerais, as seguintes: o sujeito 1) deve se deixar seduzir pela propaganda de mercadorias; 2) deve possuir uma identidade flexível, compatível com as novas relações de trabalho; 3) **deve estar convertido à moral das sensações**, ou seja, ter pretensões e satisfações a curto prazo em detrimento de satisfações que exigem projetos de longo alcance. (p. 76 – grifos nossos)

Vinculada ao que Freire Costa chama de **moral das sensações**, culturalmente a experiência da incerteza parece arrebatar as vidas juvenis atuais. A idéia de satisfação de **curto prazo** ramifica-se para vários setores da vida social, instalando nas juventudes **identidades** que assumem vivências fugazes.

Desestimulados a projetar ações de longo prazo, jovens movimentam suas vidas num horizonte de incertezas quanto às ações do presente e às do porvir.

Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem da casa dos pais para um dia qualquer voltarem; abandonam os estudos para os retomar tempo depois; encontram um emprego e em qualquer momento se vêem sem ele; suas paixões são como “vôos de borboleta”, sem pouso certo; casam-se, não é certo que seja para toda a vida... (Machado Pais, 2006, p. 8).

Incerteza também acirra o sentimento de medo. No artigo *Os jovens de hoje* (2006), Regina Novaes², ao citar pesquisa realizada sobre os **medos** que acompanham a juventude brasileira atual, declara que o medo do futuro aparece entre os destacados pelos pesquisados. De acordo com a autora, “o medo do futuro é quase um sinônimo do medo de ‘sobrar’ e está muito relacionado à inserção no mundo do trabalho”.

Pode também estar implicado com as incertezas que rondam as novas gerações: (...) ter estudo não garante que se vá trabalhar, e ter trabalhado não garante que se continuará trabalhando. Enquanto a geração anterior pensava “eu vou me aposentar assim ou assado”, esta geração diz palavras vagas sobre o futuro (p. 110).

Assim, não seria mais tão tranquilo explicar a violência que atinge juventudes na atualidade unicamente pela via cultural - por exemplo, na ausência de escolarização - ou pela via econômica - por exemplo, condição da pobreza.

A disseminação acelerada de informações de todas as ordens e procedências no cotidiano quebra com o prógnostico de uma vida pautada em saberes seguros, duradouros e unitários.

Atua igualmente na constituição de sujeitos de consumo – indivíduos são convocados diariamente a experimentar novos produtos, cujas informações remetem a



*Por outra via analítica,
podemos relacionar a
experiência econômica
do desemprego e a
experiência cultural da
incerteza à formação
de novas forças na
organização do trabalho e
à acelerada e diversificada
produção e circulação de
conhecimentos no mundo
contemporâneo.*

alguma forma de bem-estar ou performance social positiva, mesmo que de durabilidade precária ou fugaz.

Vivemos na atualidade numa sociedade de consumo, ao contrário da sociedade de produtores que vigorava anteriormente.

Bauman afirma que a posição de consumidores, na qual são instalados os indivíduos, não só vincula o consumo ao ideal de uma vida bem-sucedida como também, do ponto de vista da vida social, seu exercício compulsivo *desencoraja a esperança em ações coletivas*.

Para o autor, o consumo é uma atividade inteiramente individual, a qual coloca os indivíduos em campos opostos, em que freqüentemente se atacam. Sob outra perspectiva, o autor irá relacionar o domínio do mercado consumidor e o aumento do setor improdutivo da população ao aumento da criminalidade e o conseqüente crescimento da população carcerária.

A presença de informações variadas no cotidiano das vidas atuais pode desencadear uma nova frente para as juventudes: a experiência com o múltiplo. A experiência com a multiplicidade de informações e saberes que fluem nos circuitos sociais pode concorrer para intensificar o sentido de diferença no universo juvenil, dispondo os jovens com maior freqüência ao outro, de modo a se verem convocados a produzir novas situações de alteridades em suas vidas.





A experiência com o múltiplo também pode atuar como uma blindagem, detendo tipos de forças que pretendem fixar subjetividades padrões nas existências, as quais no geral inviabilizam a emergência de singularidades e constroem atos de criação.

A experiência com o múltiplo também pode atuar como uma blindagem, detendo tipos de forças que pretendem fixar subjetividades padrões nas existências, as quais no geral inviabilizam a emergência de singularidades e constroem atos de criação.

Situações na contemporaneidade devem ser analisadas por um polígono de inteligibilidade, cujo principal crivo talvez seja a questão de como está funcionando tal acontecimento na vida das pessoas – que efeitos de expansão ou retração propõem, em última instância, para as vidas atuais.

Selecionamos algumas linhas de transformações culturais, sociais e econômicas que afetam mais incisivamente modos de vida e performances juvenis atuais, com vistas a delimitar algumas das condições nas quais as juventudes das cidades se movem e desenvolvem suas trajetórias.

2

Novas formas juvenis de sociabilidade: biossociabilidades.

No artigo “Das utopias sociais às utopias corporais”

Francisco Ortega³ analisa as novas formas de sociabilidades juvenis, apontando que a maneira dominante de as juventudes constituírem relações sociais no presente são aquelas organizadas em torno de práticas ou atributos corporais.

O corpo, na atualidade, ganha uma importância exagerada e são multiplicadas as exigências que cada indivíduo tem em relação a si mesmo: desempenho físico, cuidados estéticos, personalização do corpo, modificações corporais passam a ocupar o universo das preocupações, necessidades e empenhos juvenis, afastando-os, como sublinha o título do artigo em tela, de desejos e motivações coletivas.

A essa forma de socialização em que o corpo ocupa lugar de destaque, dá-se o nome de biossociabilidade. Trata-se de uma forma de socialização em que os vínculos são estabelecidos tendo como critério seletivo algum desempenho, mérito ou atributo corporal apresentado por cada indivíduo como passagem ou ingresso para tipos de pertencimento grupal. Diz Ortega (2006),

(...) a biossociabilidade é uma forma de sociabilidade apolítica constituída por grupos de interesses privados, não mais reunidos segundo critério de agrupamento tradicional – raça, classe, estamento, orientação política –, mas segundo critérios de saúde, performances corporais, doenças específicas, longevidade etc. (p. 43).

Os processos de biossociabilidade constituem-se e são constituídos por ideais e ações sobre o corpo, almejados e exercitados respectivamente pelos jovens de variadas maneiras. Tais processos adquirem especificidades de acordo com as posições socioeconômicas e culturais em que se situam e se movimentam as juventudes.

Entre esses ideais e ações, dois assumem forte apelo no conjunto da população juvenil na atualidade.

O primeiro deles seria o ideal de eu centrado na performance e/ou prazer corporal.

O valor atribuído às sensações físicas e a atributos corporais é hiperdimensionado na vida atual, conduzindo jovens a apoiarem-se nesses ideais para constituírem suas subjetividades e qualificarem identidades pessoais.

Demonstração de força física, experiências com drogas, desempenho sexual, melhoria da aparência, boa forma física, habilidades motoras podem expressar performances e vias de prazeres corporais almejados e admirados por jovens nos dias de hoje, em contraposição a prazeres e performances requeridos em outros tempos.

Freire Costa, no artigo “Perspectivas da juventude na sociedade de mercado” (2004, p. 81) diz:

(...) hoje procuramos os prazeres sensoriais como há dois ou três séculos perseguíamos os prazeres sentimentais do romantismo e da vida familiar; os prazeres do reconhecimento pela operosidade e pela honestidade do trabalho; os prazeres da admiração pelos grandes feitos políticos e militares; os prazeres da alma no exercício das virtudes religiosas etc.

O segundo ideal-ação mobilizado nas juventudes atuais pode ser sintetizado na associação entre a ideologia do corpo perfeito e a austeridade corporal.

A busca de um modelo ideal de corpo age na determinação de esforços, conduzindo jovens a ações como dietas, malhações intermináveis, uso contínuo de fármacos etc. Essa busca também ocupa espaço privilegiado no universo de conversação entre jovens, principalmente em jovens-mulheres que, por algum atributo, se vêem aproximadas de padrões de beleza femininos expostos pelas mídias.

O ideal do corpo perfeito pode agir de forma tão radical sobre o universo de atenção e preocupação juvenis que pode se tornar fonte privilegiada para fornecimento de critérios de avaliação de si e do outro, promovendo, muitas vezes, o descarte ou desmerecimento de quaisquer outros atributos que não combinem com as idealizações corporais.

Ainda, como nos informa Ortega, a supremacia do corpo perfeito pode desencadear uma resignificação de outros tipos de atividades desempenhadas pelos jovens. Assim é que atividades lúdicas, religiosas, esportivas, sexuais são transmutadas em práticas de perda de peso, práticas de saúde, práticas que auxiliam nas privações alimentares, práticas de exposição etc.

Essa nova configuração de relações baseadas em inúmeras exigências feitas ao corpo encontra suas bases de

formação numa nova ordem de poder-saber em ação na atualidade, surgida a partir da interação do capital com as biotecnologias e as tecnologias de comunicação⁴.

Exercitados pela população sob variadas formas e peculiaridades, o ideal de corpo perfeito e a busca de performances corporais admiradas socialmente não cessam de produzir seus efeitos.

O lugar da biossociabilidade

Destacamos os efeitos que nos parecem essenciais para acessar a complexidade em que se situa a biossociabilidade no circuito das relações juvenis contemporâneas:

- **Produção de estigmas e de processos de exclusão**, na medida em que esses ideais constituem ou se baseiam em padrões estéticos que a maioria da população não alcança ou não se iguala;
- **Potencialização de atitude consumista entre jovens**. As necessidades dos corpos são conectadas diretamente às necessidades do mercado global, de maneira que os ideais de performances e prazeres corporais e de corpo perfeito são estimulados em ciclos de consumo intermináveis – a maioria de produtos adquiridos oferecem respostas fugazes e são rapidamente descartados em sua utilidade⁵. Vale dizer que o vínculo dos corpos às necessidades do mercado empobrece a sensibilidade dos indivíduos em relação às necessidades singulares de seus corpos, fazendo desaparecer ou degradando suas outras sempre possíveis potências.
- **Incremento da indústria de auto-ajuda**, a qual gera receitas poderosas para manter indivíduos fiéis aos ideais em voga. As receitas de auto-ajuda atuam no fortalecimento do controle dos indivíduos sobre si ou, por uma via crítica mais radical, atuam no fortalecimento da crença dos indivíduos sobre o controle que julgam possuir de si. Nesse sentido, as receitas de auto-ajuda oferecem fórmulas de aquisição de sucesso pessoal em ações voltadas para o corpo, impedindo que os indivíduos possam esmorecer diante de esforços e perseveranças incansáveis que os ideais da biossociabilidade lhes delegam.
- **Esvaziamento de mobilizações por questões coletivas**. A centralização de atenção sobre conquistas, prazeres e desempenhos corporais tende a situar jovens num campo de indiferença em relação ao mundo.

A centralização de atenção sobre conquistas, prazeres e desempenhos corporais tende a situar jovens num campo de indiferença em relação ao mundo.

Deter-se em demasia sobre o corpo cultiva práticas de atuação individual, mesmo quando pessoas estão a jogar juntas, caminhar juntas, realizar compras conjuntamente, a frequentar a mesma escola ou a participar de projeto social comum.

Os indivíduos podem permanecer exilados cada qual em si, impedindo que questões coletivas outras tenham visibilidade e força convocatória.

Nós nada somos e valem nada se não contamos com o olhar alheio acolhedor, se não somos vistos, se o olhar do outro não nos recolhe e salva da invisibilidade – invisibilidade que nos anula e que é sinônimo, portanto, de solidão e incomunicabilidade, falta de sentido e valor. (Soares, 2004)

Freire Costa situa o problema do ideal dos prazeres corporais não nos pretensos e possíveis excessos sensuais de seus partidários, mas na questão de que esse “ideal promete o que não dá e dificulta a participação e o compromisso do sujeito com objetivos do Bem Comum” (p. 82).

Sensíveis à denúncia sobre formas de sociabilidades que afunilam o horizonte de ação juvenil; atentos à dominância de certos tipos de vínculos sociais que afastam as juventudes de ações coletivas; e em defesa de novas experiências relacionais para as juventudes, apresentaremos a seguir cenários que evidenciam relações vividas atualmente pelos jovens que produzem efeitos de destruição e negação da vida.

Num cenário mais drástico de afunilamento de sociabilidades juvenis, temos jovens envolvidos com o tráfico: sem perspectivas de formação de vínculos sociais que ofereçam sustentação ou aberturas renovadas para a organização de sua vida, jovens pobres são nas grandes cidades brasileiras recrutados pelo tráfico de armas e drogas ou por outras dinâmicas criminais.

No texto “Juventude e violência no Brasil contemporâneo”, Luiz Eduardo Soares⁶ afirma:

(...) parece lógico que jovens carentes de tudo o que a participação em um grupo pode oferecer procurem aderir a grupos cuja identidade se forja na e para a guerra. Entende-se, assim, o sucesso das facções do tráfico no recrutamento de jovens (2004, p. 151).

O autor discute as relações de violência em que jovens envolvidos com o tráfico são simultaneamente alvos e protagonistas.

A convivência com o tráfico, por expressar uma forma específica de sociabilidade, remete os jovens a uma experiência relacional em que, além de situá-los num circuito de criminalidade e risco iminente de vida, os fazem exercitar tipos de linguagens que capitalizam processos de subjetivação específicos, transmutando-os em **sujeitos de violência**.

De outro modo, no curso de relações cujo objeto organizador é o tráfico, jovens aprendem a ser sujeitos de determinada maneira:

(...) no tráfico, regras há, e muitas: turnos de trabalho, hierarquias, processos decisórios, divisão de tarefas, distribuição complementar de responsabilidades, códigos de comportamento, tudo isso é disciplinado (Soares, 2004, p. 151)⁷.

Nessa perspectiva, a violência expressaria uma linguagem na qual é possível organizar certas experiências de sociabilidade.

Num texto posterior, Soares acrescenta:

(...) ao contrário do que sugere o senso comum, a violência não é uma explosão, em nós, de natureza passional, selvagem, animal, mas uma formação cultural, (...) uma certa modalidade disciplinada de auto-realização, de produção de si e de relacionamento (2006, p. 126).

Ao situar sua análise **sobre os modos de funcionamento de relações experienciadas pelos jovens**, o autor alerta para os efeitos da vivência de sociabilidades sobre a produção de subjetividades. Daí talvez as dificuldades enfrentadas nos **processos de rompimento** de jovens com o tráfico. O ato de afastamento não é suficiente para remetê-los a novos horizontes de vida, é preciso ir além e desconstruir o sujeito que foi inventado nessa experiência.



Além dos jovens cujos vínculos relacionais se organizam em torno da atividade do tráfico, temos aqueles que organizam suas vidas num horizonte de sociabilidades esvaecidas.

Diminuídas as possibilidades de exercer diferentes vínculos sociais, em função do baixo acesso, participação e inserção nas instituições sociais, econômicas, culturais, jovens brasileiros vagam invisíveis por um mundo restrito de significados e programas de vida futuros.

Marcados pela exclusão relacional, jovens transitam numa faixa de vida desprovida de sentidos e valores.

Diante do exposto, parece não haver dúvida de que, para avaliar as possibilidades de expansão/retração da vida de um jovem, é preciso considerar as condições atuais que possuem para inventar-vivenciar múltiplas maneiras de sociabilidades.

De outro lado, é preciso que as juventudes tenham garantias concretas de integração e pertencimentos societários, como a integração às instituições de ensino; às instituições vinculadas ao mundo do trabalho, às instituições de saúde; às instituições político-culturais disponíveis nas sociedades democráticas.

Cabe ainda marcar que a ampliação e multiplicação de relações pode atuar como uma micropolítica de resistência nas vidas juvenis. Um bom exemplo de uma micropolítica de resistência pode ser buscado nas sociabilidades juvenis ligadas ao movimento *hip-hop*, dando mostras vivas de que determinadas relações podem funcionar como potentes territórios de lutas e transformações nas trajetórias juvenis contemporâneas.

Mudanças na paisagem urbana: formas de circulação contemporânea & as novas trajetórias juvenis.

Tudo circula: as músicas, os slogans publicitários, os turistas, os chips da informática, as filiais industriais e, ao mesmo tempo, tudo parece petrificar-se, permanecer no lugar (...). Assim, a subjetividade se encontra ameaçada de paralisia.

FELIX GUATTARI

Para compreendermos o ambiente urbano das grandes metrópoles, retomemos uma forte configuração da vida contemporânea: a intensificação de circulação de informações e produtos materiais.

Essa nova configuração concorre para a complexificação da vida urbana na medida em que produtos materiais e simbólicos, cada vez mais heterogêneos, participam e atuam na formação da coletividade das cidades⁸.

A pulverização de produtos tecnológicos na vida cotidiana das cidades, como computadores e telefones móveis, assume um poderoso papel na regulação da conduta de populações e na administração do tempo de suas vidas. Não seria exagero afirmar que muitos jovens empenham expectativas de mudanças de vida vinculando-as diretamente à aquisição de bens tecnológicos ou ocupam seu tempo cotidiano na entrada em mundos virtuais de um computador e na manipulação de telefones celulares.

O excessivo investimento no uso desses bens pode reduzir a produção de sentidos e desejos situados para fora dos visores de tais máquinas ou afunilar referências de socialização.

Do mesmo modo, a presença ostensiva de produtos tecnológicos no cotidiano pode estar acompanhada por diversas práticas de invenção, quando as tecnologias deixam de assumir apenas uma função comercial e lucrativa para fazer funcionar outras potências, como, por exemplo, a produção de imagens; a produção de práticas de socialização inusitadas, como as interatividades virtuais entre grupos distantes geográfica e socialmen-

te; a produção de novas práticas de utilização da mídia, como acesso a bancos de dados, videotecas etc. (Guattari, 1992, p. 15-16).

A intensificação de circulação de informações e produtos materiais e a organização da vida das populações da cidade compõem o conjunto de condições que torna possível a criação de **territórios existenciais contemporâneos**⁹.

Vivemos em cidades de fluxos globais de informações, produtos, bens, imagens, mensagens, tecnologias – e o porvir das juventudes encontra-se inseparável dessa condição.

Jovens põem em cena expressões estéticas, comportamentos, estilos de vida, projetos de futuro que assinalam a presença de todo um sistema de referência que se integra a uma cidade orientada para um modelo de circulação cuja **noção de trânsito** extrapola a de mobilidade física de pessoas.

Podemos nos mover sem sair do lugar – pelas redes de informática, pelas antenas de televisão, pelas linhas telefônicas. É o caso da mobilidade imaterial de informações, mensagens, imagens.

Simultaneamente, temos a mobilidade limitada espacialmente, na medida em que a circulação está concentrada em projetos arquitetônicos fechados, solução que minimiza a ocupação e as experiências com o espaço público¹⁰.

Ambas as formas de circulação parecem prescindir da mobilidade física dos habitantes urbanos.

As formas virtuais de informação e de comercialização de produtos, seguindo os argumentos de Janice Caiafa, não se produzem sem subtrair algo das cidades:

Comprar via computador ou via telefone envolve ausentar-se da caminhada das ruas, a televisão retém em casa e trabalha em algum grau contra a cidade (...) (Caiafa, 2007, p. 25)

A intensificação da circulação de informações e produtos opera efeitos tanto nas subjetividades de indivíduos e grupos humanos como na recodificação da cidade: espaços, tempos, linguagens, relações.

Com base nos estudos etnográficos de Caiafa na cidade do Rio de Janeiro, temos que a força mais marcante da cidade está na sua potência de dispersão de grupos humanos. O aparecimento de cidades convoca a mobilidade humana em contrário à concentração proposta pelas aldeias, ingressando nos costumes da cotidianidade

urbana o desejo de trânsito e o exercício ativo de abandonar o lar para ir a outro lugar.

Na perspectiva dessa força de circulação presente nas cidades, habitantes metropolitanos teriam como possibilidade incessante o convite a processos de desterritorializações subjetivas.

Pelo movimento físico de deslocamentos, engendram-se encontros e a intercessão de uma pluralidade de sistemas de significação – interesses afetivos, intelectuais, estéticos, sistemas de pensamentos e de ações múltiplos e não coincidentes entre si – invocando convites a modificações e a expansões de pontos de referências subjetivos, um convite à experiência de alteridade, como afirma Caiafa neste trecho:

De diferentes maneiras em cada configuração urbana, a história das cidades envolve o povoamento, a ocupação do espaço. Trata-se de uma ocupação coletiva, da produção de espaços públicos. Parece-me que esse coletivo urbano se caracteriza por possibilitar, de alguma forma, uma experiência com a alteridade. Nesse espaço coletivo se dá a mistura propriamente urbana e em alguma medida uma dessegregação, mesmo que sempre provisória e local. Cria-se um espaço de contágio com outros e estranhos onde há uma imprevisibilidade que o confinamento familiar não permite, onde há mesmo ou pode haver uma criatividade maior dos processos subjetivos. (2007, p. 20-21)

Entretanto, a força de circulação em ação nas cidades não pode ser tomada nem positiva nem negativamente *per se*, tampouco abstratamente, pois ela depende dos gestos que a fazem, da implicação com o ato, das técnicas de regulação e quadro de poderes em que está envolvida. Em suma, de elementos que conjugam a forma que a própria circulação adquire em cada tempo e os tipos de fluxos que ela faz funcionar.

Como propõe Guattari, o desempenho dessa força cidadina estaria em relação direta com agenciamentos políticos, econômicos, legais, sociais, artísticos. Uma cidade orientada para uma forma de circulação em que a dinâmica dos espaços construídos é preterida pelos espaços virtuais ou espaços fechados, como os *shopping centers*, resultaria em efeitos distintos daqueles anunciados por uma perspectiva de experiência da alteridade, uma perspectiva de experiência de outros mundos.

Num artigo intitulado “Restauração da cidade subjetiva”, Guattari enfatiza a existência de um paradoxo na forma que a circulação assume nas cidades: a ampliação e

velocidade de circulação de informações, imagens e produtos, entre outros,

parecem petrificar as atividades humanas, tanto os níveis mais singulares da pessoa quanto os níveis mais coletivos (p. 169-170).

Trata-se de uma *ordem* dominante que põe em ação não somente um imobilismo físico mas um imobilismo criativo, mental, perceptivo. De acordo com o autor, tal circulação lança as atividades humanas num nomadismo selvagem, pois ao mesmo tempo que incita a entrada de pessoas numa circulação veloz, deixa homens, mulheres, juventudes desse tempo no mesmo lugar.

Para Guattari, essa ordem dominante poderá ser contrariada na medida em que a circulação se destacar desse falso nomadismo e retomar a polifonia dos espaços, sejam eles virtuais ou não.

A compressão do espaço coletivo e a restrição da circulação

Para Lyotard, a presença de informações multiplicadas na vida social propõe como desafio às populações a organização de interações sociais localizadas e provisórias (em contraposição a tipos de sociabilidades totalizadoras, como as sociabilidades protagonizadas por instituições), como estratégia para reconhecimento, assimilação e validação de saberes globalmente circulantes.

Lyotard argumenta que

a diversidade e o afluxo dos saberes hoje são tais que nenhum indivíduo, e principalmente nenhum grupo fechado, pode mais possuir o conjunto dos conhecimentos como ainda era possível nas sociedades arcaicas ou tradicionais. A inteligência, o pensamento, o conhecimento estão condenados à partilha, à abertura. (apud Kumar, 1997, p.136).

Alguns pensadores, como Jean Baudrillard e Mark Pôster, apontam para o *desaparecimento* dos indivíduos nas redes de informação. Para Baudrillard, citado por Kumar,

“o indivíduo deixou de existir em um relacionamento objetivo com seu ambiente. Ele não é mais um ator do mundo, mas um terminal de redes múltiplas. Com a imagem da televisão – que é objeto final e perfeito desta nova era – nosso próprio corpo e todo o universo circundante tornam-se uma tela de controle”. (Kumar, 1997, p. 137).

Sobre a noção de lugares e comunidades, Massey, no artigo intitulado “Um sentido global do lugar”, afirma que na atualidade as **noções idealizadas** de uma época em que os lugares eram supostamente habitados por comunidades com identidades delimitadas se contrapõem a análises críticas que concebem os lugares e as comunidades como formações múltiplas, em que relações econômicas, políticas e socioculturais globais têm atuação.

Tal perspectiva é referendada por Bauman, quando afirma que a característica mais vital da vida urbana contemporânea, e provavelmente a mais influente a longo prazo, é a íntima interação entre as pressões globalizantes e o modo como as identidades locais são negociadas, construídas e reconstruídas (2004).

Para Massey, embora os lugares e as comunidades desenvolvam uma constelação particular de relações sociais, não é mais possível estabelecer fronteiras simbólicas blindadas entre um lugar e outro, uma comunidade e outra, um lugar e a sua cidade, um lugar e outros lugares.

Nessa perspectiva, a relação comunidade–lugar também é expandida: as comunidades podem existir sem estar no mesmo lugar, como, por exemplo, rede de amigos com interesses comuns e rede de pessoas que comungam crenças religiosas afins formam comunidade cidadinas que não se restringem a um lugar demarcado geograficamente.

(...) em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais (...) (Massey, 2000, p. 184).

A autora, ao caracterizar o lugar e a comunidade pela rede de relações sociais que articulam e fazem funcionar, chama ainda a atenção para o movimento contínuo que guia essas noções, considerando-se a plasticidade que as relações, no fluxo de seus acontecimentos – podem experimentar.

Se os lugares podem ser conceituados em termos das interações sociais que agrupam, então, essas relações em si mesmas não são inertes, congeladas no tempo: elas são processos. (Massey, 2000).

É nesse contexto de alta disseminação de informações, implosão espacial e mudanças na noção de lugar-comunidade que as juventudes moradoras das cidades parecem organizar e sustentar suas vidas.

Com base nas análises desenvolvidas por Massey, é importante observar que as juventudes moradoras das

... a característica mais vital da vida urbana contemporânea (...) é a íntima interação entre as pressões globalizantes e o modo como as identidades locais são negociadas, construídas e reconstruídas.

cidades relacionam-se de diferentes maneiras com as informações, significados e bens materiais que atravessam o ambiente urbano e que a experiência da compressão de tempo-espaço não ocorre de uma mesma forma para toda população juvenil.

A mesma observação é válida quando pensamos nas possibilidades de mobilidade física das juventudes. Condições de classe social, raça, gênero, idade cruzadas à questão de segurança das cidades, às tecnologias e mídias dominantes – entre outras –, devem ser visitadas para compreender a *vivência de espaço e lugar* experimentada por grupos humanos.

O acesso aos fluxos informacionais entre os jovens brasileiros dá-se, sobremaneira, pela televisão, sendo que a maioria vê-se isolada de outras redes de comunicação. Pela televisão, as informações acessadas pelos jovens adquirem o caráter de **indiferenciadas**.

A **indiferenciação** das informações sobrevém da fragmentação, condensação e velocidade com que, no geral, as informações são veiculadas no formato televisivo. Daí a dificuldade de os expectadores lembrarem as informações ou realizarem distinções entre elas. Ressalte-se que raramente as informações com as quais jovens mantêm contato via televisão têm força convocatória para serem cruzadas com outros repertórios de saberes.

A manipulação intelectual de informações vê-se no geral obstruída ou diminuída em função prioritariamente da passagem veloz de uma imagem para outra, característica da linguagem televisiva. Além disso, as informações acabam por se diluir na estrutura televisiva, pois disputam espaço com a forte presença icônica; com o tipo de estilística televisiva, expressa prioritariamente pelo formato **show**; com a recorrente convocação a sentimentalismos, entre outros elementos (Beatriz Sarlo, 2006).

Em relação à capacidade de ingresso dos jovens em outras formas de sociabilidade-relações em ação no ambiente urbano, as possibilidades para as juventudes pobres vêm-se bastante diminuídas, por não te-

rem acesso a serviços públicos e a recursos materiais e simbólicos que **sustentem** o deslocamento a diferentes lugares da cidade.

Sem dúvida, as desigualdades socioeconômicas persistentes na sociedade brasileira justificam em grande parte as restrições de mobilização de jovens. Mas não só! Se levarmos em consideração o recorte de gênero, verificamos um outro campo de restrições, agora ligado especificamente à condição feminina.

Por esse crivo, jovens mulheres teriam mobilidades muito mais constrangidas do que jovens do sexo masculino. De acordo com Massey,

(...) pesquisas mostram de que modo a mobilidade das mulheres sofre restrições de inúmeras maneiras diferentes: da violência física ao fato de ser assediada, ou de ser simplesmente obrigada a sentir “fora do lugar” – não pelo “capital”, mas pelos homens. (2000, p. 178).

Se tomarmos como referência a segurança urbana, temos que cidades que apresentam alto índice de violência interferem sobremaneira na mobilidade (física e simbólica) de sua população. No caso de juventudes associadas a contextos de violência, no geral moradores de bairros pobres, a restrição é aviltante e ocorre por meio de conjunto complexo de forças.

A inexistência de serviços públicos de qualidade, particularmente de transportes coletivos eficientes e de locais públicos livres para circulação (em lugares não muito distantes de seus bairros) é um exemplo de força atuante na restrição dos deslocamentos juvenis.

No entanto, práticas segregacionistas que agem na maioria das metrópoles mostram-se como a força mais brutal no confinamento das juventudes pobres, moradoras de bairros ligados socialmente a contextos de violência.

Os efeitos imediatos da segregação podem ser percebidos no fato de jovens identificados com o perfil de morador de bairro violento, serem reiteradamente preteridos quando pleiteiam ingresso em instituições de trabalho, além de serem alvo, em outras instituições, de discriminação, desconfiança e temor, ao revelarem seus locais de residência.

As juventudes, pelo que revela pesquisa realizada por Regina Novaes com jovens moradores da cidade do Rio de Janeiro, não permanecem indiferentes ao grave problema das violências nas grandes metrópoles, transmutando-o num dos objetos principais de suas preocupações.

Metade dos jovens pesquisados pela autora afirma ter medo da morte, indicando que o temor pela própria vida ocupa lugar de destaque no imaginário de garotas e garotos, independentemente da classe social a que pertencem. Segundo a autora, jovens têm medo: de bala perdida, da polícia, do aumento de violência, de o tráfico de drogas dominar tudo, de tiro, de espancamento, de violência e injustiça.

Ambientes urbanos marcados por violências – de variados tipos – acirram o crescimento de outro fenômeno em ação nas grandes cidades contemporâneas: o anseio (desenfreado) por segurança.

A busca frenética de segurança – acionada por habitantes de alto poder aquisitivo e capitalizada pelo mercado imobiliário e de tecnologias de vigilâncias, entre outros – faz com que espaços de cidades densamente povoadas sejam interditados e tornados inacessíveis para grupos populacionais desprovidos financeiramente, condição que ocasiona, conforme Bauman, uma desintegração da vida comunal sem precedentes na atualidade.

Ele ainda argumenta:

(...) os que podem, vivem em “condomínios” planejados como se fosse uma ermida: fisicamente dentro, mas social e espiritualmente fora da cidade.

Espaços interditados são espaços planejados para interceptar, repelir ou filtrar os usuários potenciais. Explicitamente, o propósito dos espaços interditados é dividir, segregar e excluir – e não construir pontes, passagens acessíveis e locais de encontro, facilitar a comunicação ou, de alguma outra forma, aproximar os habitantes da cidade.

(...) Como todos sabemos, as cercas têm necessariamente dois lados. Dividem espaço, que sob outros aspectos seriam uniformes, em “dentro” e “fora”; mas o que é “dentro” para os que estão de um lado é “fora” para os que estão do outro. Os moradores dos condomínios cercam-se para ficar “fora” da excludente, desconfortável, vagamente ameaçadora e dura vida da cidade – e “dentro” do oásis de calma e segurança. (...) A cerca separa o “gueto voluntário” dos ricos e poderosos dos muitos guetos forçados que os despossuídos habitam. Para estes, a área a que estão confinados (por serem excluídos de todas as outras) é o espaço do qual não têm permissão de sair (2004, p. 130-131)



Em defesa da circulação

... não poder mover-se ou fazê-lo com dificuldade é estar desprovido numa cidade, é ser destituído da principal senha para a vida urbana.

(Caiafa, 2002, p. 21).

A questão da mobilidade física é aspecto de grande relevância na experimentação das cidades. Seguindo os argumentos apresentados no início do texto, temos que a idéia de circulação-deslocamento está irredutivelmente ligada à função das cidades e à expressão de suas potências.

Ao impulsionar a circulação, a cidade exerce uma ação de dispersão nos seus habitantes, pois permite às populações o ingresso em universos de significados estranhos aos seus habituais. Ao sairmos das redondezas familiares damos início a uma jornada de encontros com estranhos, às misturas que se fazem no trânsito caracteristicamente urbano. Desse modo, a cidade interpela continua-



Diante da superpotência dos meios de comunicação, o mundo exterior diminui rapidamente e há uma perda considerável da “narrativa do trajeto”, narrativa essa apenas materializada pelo deslocamento concreto em detrimento do deslocamento virtual.

(...) A cidade, a rua, o prédio, a porta, o corredor modelizam, cada um por sua parte e em composições globais, focos de subjetivação. (1992, p.157-158-161).

No livro *Amor líquido* – sobre a fragilidade dos laços humanos, Bauman chama a atenção para a função de dispersão das cidades que se dá pelo encontro incessante com o estranho:

(...) qualquer que seja a história das cidades, e independentemente das drásticas mudanças que possam ter afetado sua estrutura espacial, aparência e estilo ao longo dos anos e dos séculos, uma característica se mantém constante: são espaços em que estranhos permanecem e se movimentam em íntima e recíproca proximidade (2003, p. 129).

mente seus transeuntes, suas populações, particularmente, suas juventudes.

Ao produzir um espaço de exteriorização, de diferença em relação a si mesma, as cidades desempenham uma forte função subjetiva¹¹:

(...) o espaço construído chega a nós e tem o poder de nos afetar. A relação com a cidade modeliza faculdades psíquicas, mobiliza impulsos afetivos e cognitivos, produz desejo (Caiafa, 2002, p. 35)

Para Guattari,

(...) quer tenhamos consciência ou não, o espaço construído nos interpela de diferentes pontos de vista: estilístico, histórico, funcional, afetivo...

(...) O alcance dos espaços construídos vai então bem além de suas estruturas visíveis e funcionais. São essencialmente máquinas, máquinas de sentido, de sensação.

No mesmo texto, Bauman referenda a idéia de que se deve atribuir “a vivacidade intrínseca e a criatividade da densa vida urbana à incerteza que advém dos relacionamentos pouco coordenados e eternamente mutáveis” que a cidade propõe.

Sob uma terceira perspectiva, Paul Virilio, um dos mais originais e consistentes analistas da sociedade tecnologizada, afirma que a implosão dos espaços, disparada pelos diversos meios de comunicação instantâneos, faz com que o mundo externo sofra uma grave desqualificação de sua “profundidade de campo”. Fato que, por sua vez, degrada as relações entre o homem e a cidade.

Diante da superpotência dos meios de comunicação, o mundo exterior diminui rapidamente e há uma perda considerável da “narrativa do trajeto”, narrativa essa apenas materializada pelo deslocamento concreto em detrimento do deslocamento virtual. Este último incita-do por um mundo que se organiza cada vez mais em sin-tonia e dependência com a difusão e produção de ima-gens e informações.

De acordo com Virilio, a revolução nas comunicações afeta sobremaneira a característica de transeunte – ser do trajeto – que definiria a espécie humana.

Janice Caiafa, Paul Virilio, Zygmunt Bauman, Felix Guattari, por caminhos diferentes, mas não antagôni-cos, denunciam o quanto a restrição da mobilidade físi-ca ou de circulação podem desmontar e debilitar as fun-ções primordiais das cidades e dos homens, qual seja, experimentar trajetórias múltiplas.

Notas

- 1 Alguns autores, como Zygmunt Bauman, sociólogo polonês que vive na Inglaterra, analisam as transformações atuais da vida social como uma intensificação de aspectos do período moderno, denominando o período atual de modernidade líquida.
Jean-François Lyotard (1924-1998), um dos criadores da noção de pós-modernismo, ao analisar os elementos artísticos da pós-modernidade, também estabelece vínculos entre os dois períodos, identificando pontos de interseção entre eles.
De acordo com Lyotard, a experimentação e a rejeição do conforto e do consolo do realismo e da arte representativa seriam a essência do pós-modernismo. Sustentando-se nessa afirmação, pode-se dizer que a pós-modernidade recuperaria com maior vigor as subversividades conduzidas pelo movimento artístico modernista.
Jürgen Habermas, filósofo e sociólogo alemão, considerado o mais influente pensador social da segunda metade do século 20, avalia que o projeto da modernidade estaria incompleto e defende em suas obras o fortalecimento nas sociedades contemporâneas de algumas das características constituintes do período, como a tentativa de ser crítico e racional. Para Habermas, a vida social deverá ser regulada pela obtenção de um consenso racional alcançado por intermédio do diálogo entre atores livres e iguais.
Fredric Jameson, crítico literário e teórico marxista, identifica os movimen-tos atuais na vida cultural, social e econômica como decorrentes de uma modificação sistêmica do próprio capitalismo. Para Jameson, as sociedades contemporâneas estariam vivendo um estágio particular do capitalismo, que ele chama de “capitalismo tardio”.
Entre as principais características do capitalismo tardio estaria a posição domi-nante ocupada pela tecnologia da informação-comunicação na infra-estrutura econômica, relegando à tecnologia de manufatura um papel subordinado. A tecnologia da informação-comunicação, segundo Jameson, cria uma rede global de poder e controle de difícil apreensão para as mentes humanas, tornando possível o alcance global do capital.
- 2 Subsecretária da Secretaria Nacional de Juventude. Professora adjunta do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- 3 Professor adjunto do Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- 4 Cf. também trabalhos de Foucault sobre o biopoder e as reflexões de Deleuze sobre a sociedade de controle.

- 5 Sobre as diferenças de atitude de consumo entre jovens de classes sociais distintas, Freire Costa relaciona diretamente a insaciabilidade de consumo com a ação de descarte: no Brasil, a maioria tem uma renda pessoal ou familiar desprezível, mas, mesmo assim, se comporta como se tivesse uma renda alta, quando se trata de usar objetos como coisas descartáveis.
- 6 Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e diretor do Instituto pela Promoção do Sistema Único de Segurança Pública. Participou do governo do estado do Rio de Janeiro, de 1999 a março de 2000, na condi-ção de subsecretário de Segurança Pública e coordenador de Segurança, Justiça e Cidadania. Foi secretário nacional de Segurança Pública do governo federal de janeiro a outubro de 2003.
- 7 Na análise que o autor empreende, é interessante conferir a função que as armas utilizadas por jovens na ação do tráfico desempenha na construção de suas performances corporais. O autor afirma que a posse de armas su-blinha simbolicamente a virilidade de jovens do sexo masculino e calçam a identidade de um macho violento, arrogante, poderoso e armado junto a moças, as quais, usando os termos do próprio autor, mostram-se encantadas pela estetização do mal.
- 8 De acordo com Guattari (1992), produtos materiais e sistemas de significação concorrem excepcionalmente para a produção de subjetividades e novas configurações identitárias, atuando na reconstrução de formas de pensar e falar, de desejos e aspirações, projetos de vida individuais e coletivos. Para o autor, do mesmo modo que equipamentos coletivos, “as máquinas tecnológicas de informação e comunicação operam no núcleo da subjetivi-dade humana, não apenas no seio de suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes” (p. 14).
- 9 A noção de territórios existenciais está sendo entendida aqui como o conjunto de relações e sistemas de referências que delimitam modos de ser e de viver, desembocando “toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos” (Guattari & Rolnik, 2005, p. 388). Mesmo que um território exis-tencial contenha linhas de constituição definidas, elas são, na atualidade, constantemente provocadas ao movimento. Vale a pena retomar os autores: “O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios ‘originais’ se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais”. (ibid.)
- 10 Caiafa, ao analisar o processo de suburbanização de cidades americanas, destaca como a entrada do automóvel na organização da vida de grupos sociais é importante na realização de um despovoamento das cidades, particu-larmente dos espaços públicos. Diz a autora, “(...) a ocupação do espaço público se torna um mero intervalo de tempo entre a partida e a chegada com tendência a se eclipsar” (2007, p. 22). Talvez o mesmo poderíamos afirmar em relação à circulação orientada para centros fechados de comércio, onde o deslocamento físico transmuta-se em um meio apenas intervalar.
- 11 É importante destacar a concepção de subjetividade presente no texto da autora, pois se aproxima bastante da noção de juventude expressa no Programa “Jovens Urbanos”. Seguindo a perspectiva de Guattari, Deleuze e Foucault, a autora afirma: “a subjetividade tem um caráter processual – ela não é um resultado, mas constantemente se engendra – e se produz por componentes heterogêneos: componentes sociais, materiais, sexuais, de poder, de mídia etc.” (2002, p. 35)

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. (2004) Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CAIAFA, Janice. (2007) Aventura das cidades: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV. 184p.
- _____. (2002) Jornadas Urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora FGV. 184p.
- FREIRE COSTA, Jurandir. (2004) "Perspectivas da juventude na sociedade de mercado". In: Novaes, Regina & Vannuchi, Paulo (orgs.) Juventude e Sociedade – trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo (p.75-88).
- GUATTARI, Félix. (1992) Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed.34. 208p.
- KUMAR, Krisnan. (1997) Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Tradução Ruy Lungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MACHADO PAIS, José. (2006) "Buscas de si: expressividades e identidades juvenis". In: Mendes de Almeida, Maria Isabel & Eugenio, Fernanda (orgs.) Culturas jovens: novos mapas de afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (p. 7-21).
- MASSEY, Doreen. (2000) Um sentido global do lugar in ARANTES, Antonio A. (org) O espaço da diferença. Campinas: Papirus (p.176-185).
- NOVAES, Regina. (2006) "Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias" In: Mendes de Almeida, Maria Isabel & Eugenio, Fernanda (orgs.) Culturas jovens: novos mapas de afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (p. 105-120).
- ORTEGA, Francisco. (2006) "Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais" In: Mendes de Almeida, Maria Isabel & Eugenio, Fernanda (orgs.) Culturas jovens: novos mapas de afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (p. 42-58).
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (2002) "Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres". In: Rago, Margareth, Orlandi, Luiz B.Lacerda & Veiga-Neto, Alfredo (org.). Imagens de Foucault e Deleuze: Ressonâncias Nietzscheanas. Segunda edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- SARLO, Beatriz. (2006) Cenas da vida pós-moderna – intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- SOARES, Luiz Eduardo. (2006) "O futuro como passado e o passado como futuro: armadilhas do pensamento cínico e política da esperança" In: Mendes de Almeida, Maria Isabel & Eugenio, Fernanda (orgs.) Culturas jovens: novos mapas de afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (p. 121-135).
- _____. (2004) "Juventude e violência no Brasil contemporâneo" In: Novaes, Regina & Vannuchi, Paulo (orgs.) Juventude e Sociedade – trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo (p.130-159).
- VIRILIO, Paul. (1993) O espaço crítico. Rio de Janeiro: Editora 34.



